

BÍBLIA DEUS CAMINHANDO COM A GENTE

SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS

APROFUNDAMENTO I

JESUS, BOM PASTOR

O evangelho de João descreve a situação sofrida da comunidade joanina, por volta do ano 100 d.C., na Ásia Menor (hoje Turquia). A comunidade, que era composta de pessoas pobres e marginalizadas que vivenciavam o amor ao próximo, era perseguida pelo “mundo”: os judeus fariseus e o império romano:

Se o mundo odeia vocês, saibam que primeiro odiou a mim. Se vocês fossem do mundo, o mundo amaria o que é dele. Mas, porque vocês não são do mundo, pois o fato de eu os ter escolhido é que separou vocês do mundo, por isso é que o mundo os odeia. Eu tenho falado todas essas coisas, para que vocês não fiquem escandalizados. Não exclua vocês das sinagogas. E vai chegar a hora quando alguém, matando vocês, julgará estar prestando culto a Deus (Jo 15,18-19; 16,1-2).

Por volta do ano 90 d.C., os judeu-cristãos foram expulsos da sinagoga, o centro comunitário dos judeus, que controlava, pela lei da pureza, o trabalho (emprego), a saúde, a educação, o comércio, a assembleia, o culto e até o cemitério (sepultamento). Os cristãos, que não cumpriam certas leis da pureza que condenavam e discriminavam os pobres, as mulheres e os estrangeiros, foram perseguidos e expulsos da sinagoga e, conseqüentemente, ficaram sujeitos à miséria, à fome e, ainda, à opressão e à violência do império romano, aliado aos judeus fariseus. O Império perseguia e matava os cristãos como um dever de “prestar culto” ao Imperador.

Em meio à realidade de sofrimento e de abandono, a comunidade joanina descreve Jesus de Nazaré como bom pastor, uma imagem de Deus Pastor que foi pregada pelo povo de Israel no tempo do

exílio, por volta do ano 550 a.C. No exílio, os camponeses, chamados “pobres da terra” (Am 8,4; Sf 2,3), por exemplo, foram deportados para a Babilônia e tratados como escravos e despojos de guerra (Is 42,22). Eles descrevem Javé como pastor: “Como um pastor, ele cuida do rebanho, e com seu braço o reúne. Leva os cordeirinhos no colo e guia mansamente as ovelhas que amamentam” (Is 40,11). Ainda apresentam o messias servo com quem Javé Pastor reinará sobre o seu povo na justiça e na fraternidade (Is 42,1-9). É um servo pastor que dá até sua própria vida em favor de suas ovelhas (Is 52,13-53,12).

Como os pobres da terra no exílio da Babilônia, a comunidade sofrida de João sonha e reza para que seja conduzida e protegida por Jesus, o Bom Pastor. Em Jo 10, a comunidade joanina descreve as características e os deveres do bom pastor e seus seguidores:

- a) “Para ele o porteiro abre a porta, e as ovelhas ouvem a sua voz; ele chama cada uma de suas ovelhas pelo nome” (Jo 10,3; cf. Jo 20,16). Chamar a pessoa pelo nome, na Bíblia, significa um relacionamento de amor e de comunhão: “Não tenha medo, porque eu o protegi e o chamei pelo nome. Você é meu” (Is 43,1). O bom pastor deve estar profundamente unido, por laços de amor e amizade, às suas ovelhas, para realizar o Reino da Vida.
- b) “Depois que levou todas as suas ovelhas para fora, ele caminha na frente delas; e as ovelhas o seguem porque conhecem a sua voz” (Jo 10,4). O bom pastor conduz suas ovelhas às passagens verdejantes e as protege contra seus predadores e ladrões. Ontem e hoje, o líder deve conduzir, apascentar e proteger a vida do povo, e não o abandonar na dificuldade, por seu próprio proveito.



- c) “Elas nunca vão seguir um estranho; ao contrário, vão fugir dele, porque não conhecem a voz dos estranhos” (Jo 10,5). As ovelhas devem ouvir a voz do seu pastor, sem se deixar seduzir ou enganar pela voz dos estranhos, como a dos governantes romanos, que pregam o espírito da busca desenfreada de bens, poder e prazer, ou a voz dos judeus fariseus, que obrigam a observar a lei da pureza, discriminando pobres, mulheres e estrangeiros. Para os cristãos, Jesus é seu Pastor, “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6), com a prática do amor ao próximo (Jo 15,1-17).
- d) “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo. Entrará e sairá, e encontrará pastagem” (Jo 10,9). No mundo bíblico, a porta de uma cidade ou de uma aldeia era um importante espaço da vida cotidiana, era local de comércio e também do tribunal, onde acontecia muita injustiça (cf. Am 5,10-11). Jesus é a porta. Os pastores cristãos são aqueles que entram pela porta de Jesus: porta da gratuidade, da partilha e da justiça, que faz brotar a vida.
- e) “O ladrão só vem para roubar; matar e destruir. Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Os maus pastores, em vez de servirem às ovelhas, se preocupam exclusivamente com seus próprios lucros e interesses (34,7-8). Enquanto os governantes do Império e os judeus fariseus, chamados de “ladrão e assaltante” (Jo 10,1), se ocupam apenas com seus próprios interesses e privilégios, até utilizando a opressão e a violência, a missão de Jesus como pastor está a serviço da vida plena da humanidade, com o amor e a fraternidade (Jo 13,1-15).
- f) “Eu sou o bom pastor: conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai, e exponho a minha vida pelas ovelhas” (Jo 10,14-15). Na Bíblia, o

“conhecimento” não provém de uma ação puramente intelectual, mas da “experiência” concreta (cf. Jo 14,17; 2Jo 1-3). Conhecer as ovelhas e ser reconhecido por elas são virtudes fundamentais da liderança de ontem e de hoje.

- g) “Eu tenho ainda outras ovelhas, que não são deste curral. Também a elas eu devo conduzir; elas ouvirão a minha voz, e se tornarão um só rebanho com um só pastor” (Jo 10,16). No contexto da comunidade joanina, o bom pastor vai além do pequeno grupo que se encontra no ambiente judaico; tem um horizonte amplo que inclui os samaritanos, os gregos, os romanos, enfim, todas as pessoas que aceitam o projeto de Jesus, em todos os lugares e em todos os tempos. É uma advertência contra grupos e comunidades excluídas a serviço do seu interesse e do seu poder.

Jesus, Bom Pastor, dá a vida por suas ovelhas e busca a vida para as pessoas. Ele veio para que as pessoas tivessem vida em abundância, o que significa condições dignas de vida plena e liberdade. Ouvir a voz do Pastor é engajar-se no mesmo projeto. É comprometer-se com o projeto da justiça imortal até o fim: “Minhas ovelhas ouvem a minha voz, eu as conheço, e elas me seguem. Eu dou vida eterna para elas, e elas nunca morrerão. Ninguém vai tirá-las da minha mão” (Jo 10,27; cf. Sb 1,13-15). Lembremos sempre que viver a fé no Bom Pastor Jesus Cristo é fazer-se próximo um do outro e ocupar-se das necessidades urgentes e inadiáveis de quem sofre. É ser pastoras e pastores uns dos outros, em uma comunidade que cuida dos seus, que conhece suas dores e sofrimentos, que conhece o nome das pessoas, especialmente das mais pobres e sofredoras, e que se solidariza com elas e age para o bem delas.



Bíblia – Comunicação de Deus em linguagem humana

Questões básicas para o estudo da Sagrada Escritura.



Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!



APROFUNDAMENTO II

“PROJETO DA RESTAURAÇÃO DE ISRAEL CONFORME SEGUNDO ISAÍAS” (Is 40-55)

Em 589 a.C., Sedecias, o último rei de Judá, rebelou-se contra a Babilônia. O exército de Nabucodonosor, o imperador da Babilônia, sitiou Jerusalém e, um ano e meio depois, entrou na cidade. Foi uma catástrofe: a cidade foi destruída e o Templo saqueado, profanado e incendiado. Nabucodonosor não teve nenhuma compaixão com as autoridades e os habitantes de Jerusalém. A família real e seus oficiais foram aniquilados. Grande parte do exército foi morta. O grupo de funcionários da segunda categoria do Templo – trabalhadores civis, pequenos comerciantes, artesãos e agricultores – foi aprisionado e levado para o exílio (2Rs 25,11-12). Foi a segunda deportação.

O grupo da segunda deportação não teve a mesma sorte dos primeiros deportados (grupo de Ezequiel), tratados como prisioneiros políticos com semiliberdade (cf. Jr 29,1-23). Diferentemente, os segundos deportados foram tratados como escravos e despojos de guerra. O Segundo Isaías, redigido pelo grupo da segunda deportação, relata a situação dos deportados:

- “Os pobres e os indigentes buscam água, mas não a encontram. Estão com a língua seca de sede” (Is 41,17).
- “Há muito tempo estou calado. Permaneci quieto e aguentei. Agora vou gritar como a mulher que dá à luz, vou gemer e suspirar” (Is 42,14).
- “Mas seu povo é um povo espoliado e roubado, todos presos em cavernas, trancados em prisões. Era saqueado, e ninguém o libertava. Despojado, e ninguém dizia: ‘Devolvam isso’” (Is 42,22).

Os deportados trabalhavam como mão de obra escravizada na agricultura e em obras públicas, como a construção de canais dos rios da Babilônia (Sl 137). A situação dos prisioneiros escravos era de sofrimento e sem esperança, como “cana rachada” (Is 42,3), pessoas “que vivem no escuro” (Is 42,7). Foi nessa circunstância que Segundo Isaías anunciou, com grande entusiasmo, a possibilidade de o império babilônico ser derrotado por Ciro, imperador da Pérsia, e o exílio chegar ao fim (Is 41,1-7; 45,1-7). Ciro foi até chamado de justiceiro, pastor, ungido e águia a serviço do Deus de Israel (Is 41,2; 44,28;

46,11). O sinal de esperança! É o tempo de sonhar com a volta à terra santa e com a reconstrução de Israel, o que faz nascer o livro do Segundo Isaías.

O Segundo Isaías foi escrito pelos levitas exilados na segunda deportação. Eles eram os pregadores itinerantes e os sacerdotes do interior de Israel. Trabalhavam com o culto e a organização de aldeias comunitárias, procurando manter as leis da justiça e da solidariedade para com a população camponesa mais pobre. Na reforma do rei Josias (620-609 a.C.), os levitas foram trazidos à força para o templo de Jerusalém. No Templo, eles não podiam “subir ao altar de Javé” (2Rs 23,9) e eram considerados sacerdotes de segunda categoria, trabalhando como cantores, escribas e porteiros.

Na Babilônia, enquanto o grupo de Ezequiel, a elite da primeira deportação, procura manter o sonho de reconstruir a monarquia davídica, os levitas, representantes dos deportados escravizados da segunda deportação, sonham e escrevem o projeto da reconstrução de Israel conforme sua formação, história e realidade, sobretudo a dura situação de guerra – destruição, deportação, exploração, desolação –, provocada por causa da cobiça dos governantes pelo poder e pela riqueza. Eles tentam manter a chama da vida nos momentos em que ela está para se apagar. Vejamos a proposta do Segundo Isaías.

a) Deus de ternura: “Mas pode a mãe se esquecer do seu nenê? Pode ela deixar de ter amor pelo filho de suas entranhas? Ainda que ela se esqueça, eu não me esquecerei de você. Veja! Eu tatuei você na palma da minha mão” (Is 49,15-16). Em contraste com Marduk, Deus violento e sanguinário dos babilônios, e também com o Deus castigador dos deuteronomistas, Javé dos pobres é apresentado como Deus solidário (Is 40,1.29; 41,10; 43,5; 51,12), compassivo (Is 49,13; 52,9), próximo (Is 43,1.7; 45,3-4; 49,1.16). Ele, bom pastor, carregará o povo deportado e sofrido no colo e o trará de volta à terra santa (Is 40,1-11; cf. Is 49,10).

b) Nova liderança do Servo: “Vejam meu servo, a quem eu sustento. Ele é o meu escolhido, nele tenho o meu agrado. Eu coloquei sobre ele meu espírito, para que promova o direito entre as



nações. Ele não gritará nem clamará, nem fará ouvir sua voz na praça. Não quebrará a cana já rachada, nem apagará o pavio que ainda fuma. Promoverá fielmente o direito. Eu, Javé, chamei você para a justiça, tomei-o pela mão, e lhe dei forma. E o coloquei como aliança de um povo e luz para as nações, para você abrir os olhos dos cegos, para tirar os presos da cadeia, e do cárcere os que vivem no escuro” (Is 42,1-3.6-7). Os levitas projetam uma nova liderança, a do “Servo” (que é exercida por um grupo: Is 42,1; 43,20; 45,4), com características diferentes dos tiranos e dos reis injustos: liderança que nasce da sensibilidade pela realidade desumana, do amor solidário e do compromisso com as pessoas empobrecidas e enfraquecidas, atuando na contramão do sistema injusto e explorador, sem o uso da força e da violência. É o caminho da humanização e da não violência.

- c) Nova aliança de gratuidade: “Atenção! Todos os que estão com sede, venham às águas. E os que não têm dinheiro, venham. Compre e comam sem dinheiro, e bebam vinho e leite sem pagar. Farei com vocês uma aliança definitiva, serei fiel à minha amizade com Davi” (Is 55,1.3). Agora, porém, a aliança não seria mais entre Deus e o rei da casa davídica, mas com toda a comunidade. O sonho dos levitas é restabelecer uma sociedade na qual reinaria o projeto da partilha e da solidariedade, com a participação do povo pobre e sofredor.

Em meio à crise generalizada do exílio, os levitas ajudam o povo a sobreviver, criando o projeto de sonhar com uma sociedade na qual todas as pessoas tivessem condições dignas de vida. E mais: o grupo dos levitas está consciente de que haverá muito desafio na realização de uma sociedade justa e fraterna, no mundo de injustiça e de opressão. O grupo descreve até a morte do Servo por causa da prática da justiça, dando sua vida por amor ao próximo (Is 53,10; cf. Is 50,4-11). O Servo morre, mas sua vida terá continuidade por meio de seus descendentes. O projeto de salvação, ou seja, de libertar o povo da situação de escravidão, triunfará (Is 53,11). É o projeto que será assumido mais tarde por Jesus de Nazaré, “Servo”, no império romano...

Realizar o projeto do Servo, que cria verdadeira rede de solidariedade para com as pessoas sofridas e enfraquecidas, é um desafio para ontem e hoje. A prática da justiça, no mundo dos impérios opressores, provoca a morte de muitas “servas e servos” até hoje. Porém, o seguimento de Jesus Servo, nortado pela sensibilidade pela realidade desumana e pela prática do amor ao próximo, deve continuar alimentando a chama de vida das pessoas sofridas pela fome, violência, discriminação etc., somando forças com os grupos que agem nas pequenas brechas e na fragilidade, buscando implantar a justiça e a fraternidade.

**LANÇA
MENTO**



CENTRO BÍBLICO VERBO **Restauração da Monarquia Davídica e da terra de Israel**

Entendendo o livro de Ezequiel



Editora: Pia Sociedade de São Paulo - PAULUS (Paulinos) — **Diretor:** Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp — **Endereço:** Rua Francisco Cruz, 229 - Vila Mariana - 04117-091 - São Paulo - SP - Tel. (11) 5087-3700 - editorial@paulus.com.br - paulus.com.br. **Esta remessa de Bíblia-Gente é uma gentileza da PAULUS e não pode ser vendida.**

